

Contribuições dos Autores da Escola de Chicago para os Estudos dos Processos de Socialização dos Jornalistas

Dr. Leonel Azevedo de Aguiar¹
Me. Amli Paula Martins de Miranda²

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar possíveis contribuições teóricas de autores da Escola de Chicago para os estudos sobre as teorias organizacionais no campo do jornalismo, em especial as pesquisas dos processos de socialização dos jornalistas nas organizações. Para o recorte bibliográfico, recorreremos aos quadros referenciais traçados por Michael Kunczik sobre os problemas relacionados com o trabalho jornalístico e efetivamos correlações entre obras de três autores que analisam as interações sociais. A partir da base teórica desses autores, realizamos um estudo de caso sobre o documento dos princípios editoriais do Grupo Globo.

Palavras-chave: jornalismo; teorias do jornalismo; socialização; constrangimentos organizacionais; princípios editoriais.

Introdução

Esse artigo apresenta os resultados parciais de uma pesquisa acadêmica que visa, a partir das teorias do jornalismo, examinar as transformações contemporâneas nas práticas jornalísticas e como as experiências profissionais se remodelam a partir das disputas discursivas sobre a produção de sentido dos acontecimentos. Esse projeto de pesquisa engloba uma série de investigações científicas que, em suas análises dos processos de produção da informação jornalística e produtos jornalísticos, possam contribuir com modelos analíticos e ferramentas metodológicas para o campo dos estudos em jornalismo.

O projeto está inserido em uma linha de continuidade teórica que pesquisa como as profundas transformações nas estruturas de produção do capitalismo contemporâneo repercutem, de maneira contundente, nas composições organizacionais do mundo do trabalho e nas práticas profissionais. No campo jornalístico, as tecnologias digitais afetaram as rotinas produtivas e os modos institucionalizados de fazer

¹ Leonel Azevedo de Aguiar. Doutor e Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação e coordenador de graduação do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio. Jornalista diplomado pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: laaguiar@uol.com.br

² Amli Paula Martins de Miranda. Doutoranda em Comunicação na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Mestre em Geografia/Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional pela Universidade Federal de Mato Grosso. Professora do Centro Universitário Unicarioca. Jornalista diplomada pela PUC-Rio. E-mail: paula.miranda@outlook.com

jornalismo. Subordinada aos processos da globalização do capital e flexibilização das regras que conduziam as relações capital-trabalho, a “revolução digital” alterou radicalmente as rotinas de produção da informação jornalística, afetando os pressupostos modernos da atuação profissional dos jornalistas. Na Contemporaneidade, o campo jornalístico experimenta enorme diversificação de produtos e, ao mesmo tempo, a integração de suas estruturas de produção e distribuição.

Do ponto de vista histórico, a constituição do campo jornalístico, com seus paradoxos, implicou uma constante luta pela definição do que é jornalismo e como se produzem as notícias: de um lado, o polo econômico, no qual a imprensa se torna, com a instituição da empresa jornalística e o vínculo da informação como mercadoria, um negócio; de outro lado, no polo ideológico, a cultura profissional do jornalismo sustenta-se em valores tais como responsabilidade ética, compromisso social e credibilidade. Eis aqui um desses paradoxos modernos constituintes do jornalismo, que se estende até nossa atualidade: não só a expansão comercial dos jornais possibilitou a criação da carreira jornalística, como esse novo paradigma – fornecer informação – permitiu a emergência de valores que continuam sendo identificados com o jornalismo: “a notícia, a procura da verdade, a independência, a objetividade e uma noção de serviço público” (TRAQUINA, 2012, p. 34).

Os estudos sobre o *newsmaking* que desenvolvemos³ visam explicar não só de que forma as modificações nas relações de produção e trabalho atingem a atuação profissional do jornalista mas, sobretudo, como as transformações contemporâneas no jornalismo⁴ podem impactar a cultura profissional dos jornalistas, seus valores constituintes e suas práticas discursivas. Mais especificamente nesse artigo, discorreremos sobre como uma determinada perspectiva das teorias interacionistas no campo dos estudos de Jornalismo costuma apontar as notícias enquanto resultado de processos de interações sociais que acontecem no interior das redações jornalísticas e também de disputas micropolíticas que afetam as práticas profissionais.

A aceitação da hierarquia de trabalho em uma organização é um dos primeiros fatores para que o jornalista reconheça laços de pertencimento à profissão. Michael Kunczik (2002), ao discutir os problemas relacionados ao trabalho no jornalismo,

³ Atuamos na linha de pesquisa “Comunicação e Experiência” do Programa de Pós-graduação em Comunicação da PUC-Rio e participamos do grupo de pesquisa “Teorias do Jornalismo e Experiências Profissionais”.

⁴ A abordagem teórica aqui apresentada também está presente em outros artigos (RODRIGUES, AGUIAR, 2016; BRAGA, AGUIAR, BERGAMASCHI, 2014) e dissertações (cf. BARSOTTI, 2012).

discorre sobre como os jornalistas iniciantes acabam mantendo, através de uma série de comportamentos, a ilusão do jornalismo como uma profissão “livre”.

Sabemos, entretanto, que o trabalho jornalístico diário pode ser bem rotineiro, hierarquizado e burocratizado ao ser desempenhado em uma empresa midiática. O profissional trabalha em instituições onde é primordial a aceitação de uma hierarquia organizacional e das normas de conduta profissional, como acontece em várias outras profissões. As redações são cenários de interações sociais que afetam os indivíduos e as práticas jornalísticas de várias maneiras. Mesmo assim, segundo Kunczik (2002), o jornalismo continua a ser um atrativo para pessoas com iniciativa, curiosas, comunicativas. O ambiente nas redações pode ser gratificante para quem gosta do ritmo acelerado de trabalho. Dessa forma, estudar e refletir sobre as interações sociais nesse ambiente pode ser essencial no desenvolvimento de diversas pesquisas sobre o jornalismo.

Em busca desse objetivo, o estudo da socialização no trabalho do jornalismo, proposto nesse artigo, apresenta enfoques teóricos para o aprendizado sobre os processos de interação social que são considerados necessários para a assimilação de habilidades, modelos de comportamento e atitudes que podem ser considerados ideais para o atarefado cotidiano dos jornalistas. Em suma, segundo Kunczik (2002, p. 156), “a habilidade do indivíduo para controlar as situações sociais”.

Este trabalho propõe incentivar as reflexões conceituais sobre os processos de socialização no trabalho do jornalista com base nos estudos de Michael Kunczik sobre os problemas relacionados com o trabalho no jornalismo e as teorias citadas pelo autor, em especial a Teoria dos Papéis e a da Interação Simbólica, que buscam explicar esse processo de socialização. Para isso, será feita a correlação entre determinadas obras de George Herbert Mead, Georg Simmel e Erving Goffman, pesquisadores da Escola de Chicago, sobre a interação social entre indivíduos. São pesquisas que complementam as ideias de Kunczik e são essenciais para estudar as questões profissionais dos jornalistas.

Para melhor entendimento e relação entre esses conceitos, este trabalho está estruturado em duas partes, além das considerações finais. A primeira parte desse artigo se inicia com a apresentação das principais ideias de George Mead sobre a constituição do self e como elas podem ajudar nos estudos sobre as interações entre jornalistas. Trechos de sua obra principal – “*Mind, Self and Society*”, publicada em 1934 – são objeto de reflexão nesse trabalho. Os conceitos de sociabilidade e sociação em Georg Simmel nos auxiliam a entender o processo de socialização entre jornalistas e são

também aqui discutidos. O ensaio “A Sociabilidade” é um dos seus textos clássicos e está editado como capítulo de um livro de Simmel, publicado em 1917 e conhecido como “Pequena Sociologia”. Abordamos ainda determinados conceitos de Erving Goffman a partir de sua obra “A Representação do Eu na Vida Cotidiana”, publicado originalmente em 1959. Para esse trabalho, serão apresentadas as noções de equipe, região de fachada e região de fundos, explanando como podem ser relacionadas com a socialização entre jornalistas. A primeira parte finaliza com a abordagem sobre o processo de socialização dos jornalistas a partir das teorias dos Papéis e da Interação Simbólica, conforme Kunczik.

A análise crítica do documento que explana os princípios editoriais do Grupo Globo está na segunda e última parte desse artigo. O documento, em especial a seção que trata dos procedimentos dos jornalistas diante das fontes, do público, dos colegas e do veículo, foi o objeto de estudo escolhido para esse trabalho porque registra por escrito o que está implícito na prática do exercício da profissão. Uma narrativa constituinte da cultura profissional costuma afirmar que o jornalista aprende todas as regras de socialização durante o cotidiano das redações de forma “intuitiva”. Sendo assim, esse documento se torna uma relevante fonte de pesquisa para estudar como são construídas as relações entre jornalistas a partir do ponto de vista de uma organização jornalística. Nessa parte do trabalho, também foram incluídas bases teóricas de John Soloski e Warren Breed, autores que publicaram pesquisas que avançaram na teoria organizacional. Essa teoria tem como foco o processo de socialização nas organizações jornalísticas (ênfatisando a importância da cultura organizacional) onde os jornalistas lidam com recompensas e constrangimentos na atividade profissional.

1. Contribuições teóricas

As interações sociais entre jornalistas, de acordo com Kunczik (2002, p. 151), envolvem as relações profissionais entre colegas e patrões dentro da organização e também os profissionais de outras empresas. O profissional, segundo o autor, lida com a imagem que faz de si mesmo e a projetada pela sociedade.

O jornalista é independente, dinâmico e duro, como o detetive particular. Luta imperturbavelmente num cenário de suborno, corrupção, crime e outros vícios humanos e atos fraudulentos. Qual lobo solitário na selva da maldade do comércio e da política, é valente, incorruptível, responsável, humanamente probo - e descobre a verdade (KUNCZIK, 2002, p. 151).

A realidade no mercado jornalístico é bem diferente. As pressões são constantes no cotidiano das organizações onde o trabalho tem regras e rotinas como em outras profissões. É importante ter as habilidades necessárias para ser um membro da “tribo jornalística”. Porém, mesmo com as tensões, o profissional pode sentir bem-estar por enfrentar todos os obstáculos em busca da realização pessoal.

Os textos selecionados⁵ do livro de George Mead podem ajudar nas reflexões sobre o comportamento dos jornalistas em relação a si mesmos e com outros colegas. Nos textos, o filósofo sustenta a afirmação que as interações sociais que envolvem as relações do indivíduo com o outro tornam esse indivíduo mais consciente de si, contribuindo para sua eficiência como membro de um grupo. Nesse processo de organização do ato social, a mente, para Mead, é produto da linguagem e não o oposto. A conversação de gestos é parte desse processo social e o indivíduo não consegue fazer sozinho. Nesse contexto, o autor considera que o símbolo significante, dentro do desenvolvimento da linguagem, tornou possível para o indivíduo ter o controle de uma ação social porque ele é capaz de entender e prever as ações de outros indivíduos. Sobre o símbolo significante, Mead (1967, p. 71), discorreu o seguinte: “é, naturalmente, a relação deste símbolo, deste gesto vocal, para tal conjunto de respostas no próprio indivíduo bem como no outro que faz daquele gesto vocal o que eu chamo de um símbolo significativo”⁶.

A ideia de George Mead era de que o sujeito reproduz valores e símbolos que são compartilhados na sociedade, mas continua se afirmando como indivíduo autônomo. Como argumentos para sua premissa, o filósofo oferece muitos exemplos de situações cotidianas, brincadeiras e jogos de crianças e adultos, destacando a importância da linguagem e dos gestos que incentivam a capacidade de nos colocar no lugar do outro, assimilando papéis sociais.

Na formação do *self*, para Mead, o indivíduo consciente adota ou assume as atitudes sociais organizadas de um determinado grupo social ou comunidade. Para o *self* promover a interação no grupo e manter a singularidade, sua constituição se dá em dois componentes: *I* e *Me*. O *I* ou ‘eu’ é a reação criativa, original do sujeito diante da

⁵ Escolhemos o que consideramos fundamental nessas reflexões. Portanto, as partes discutidas neste trabalho são a 2 e 3 (*Mind e The Self*); a seguir, 10 (*Thought, Communication and the Significant Symbol*) e 11 (*Meaning*); e ainda os itens 21 (*The Self and the Subjective*) e 22 (*The “I” and the “Me”*).

⁶ Tradução nossa do texto original: *It is, of course, the relationship of this symbol, this vocal gesture, to such a set of responses in the individual himself as well as in the other that makes of that vocal gesture what i call a significant symbol.*

sociedade. São as novas atitudes tomadas diante da sociedade formal. Já fazem parte do me ou o “mim” as reações mais formais e organizadas. Ou, como afirma Mead:

O “Eu” dá a sensação de liberdade, de iniciativa. A situação está para nos fazer agir de uma forma auto-consciente. [...]. O “Mim” representa uma organização ou senso definido de comunidade que existe em nossas atitudes, e pedindo por uma resposta, mas a resposta que leva a um lugar é algo que simplesmente acontece (MEAD, 1967, p. 177)⁷.

Nas rotinas de trabalho entre jornalistas, o “I” e o “Me” sempre estão competindo. Para o profissional, o cotidiano pode ser sufocante para quem busca o ideal do “lobo solitário” (que pode ser o “I” de Mead), apresentado no início deste trabalho. Ou seja: o repórter que sempre tem ideias criativas e descobre a verdade, combatendo a maldade. Mas este “lobo” precisa observar as regras das empresas jornalísticas, estar adaptado e colaborar com os outros colegas “lobos”. Nesse momento, o “Me” toma a frente da situação na hora de se colocar no lugar do outro e contribui para o sucesso do trabalho em equipe.

Kunczik (2002, p. 154) define socialização como “a palavra que se emprega para definir o processo pelo qual se transmite o conhecimento social necessário para se poder adotar determinada posição e os papéis com ela relacionados no interior de um sistema social”. No caso do jornalismo, segundo o autor, é o processo no qual o profissional aprende as habilidades necessárias para as rotinas de trabalho, a lidar com a hierarquia e as emoções que são requeridos para o funcionamento da produção jornalística cotidiana, isto é, “a adoção de valores, normas, costumes e atitudes” (idem).

Para compreender esse processo, como a noção de sociabilidade Georg Simmel pode ajudar no estudo da socialização do trabalho entre jornalistas? Simmel formulou o conceito de “sociação” para representar as formas ou modos de relações entre os atores sociais. Segundo ele, através da “sociação”, os indivíduos formam uma unidade de acordo com seus interesses e preferências, sendo forma e conteúdo elementos essenciais e indissociáveis. A interação entre os indivíduos surge a partir de diversas motivações como “instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, doutrinação”. Eles fazem com que “o ser humano entre, com os outros, em uma relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o

⁷ Tradução nossa do texto original: *The “I” gives the sense of freedom, of initiative. The situation is there for us to act in a self-conscious fashion. [...] The “me” represents a definite organization of the community there in our own attitudes, and calling for a response, but the response that takes a place is something that just happens.*

outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros” (SIMMEL, 2006, p.59-60). Dias destaca que Simmel

[...] trabalha a ideia de sociabilidade fazendo uso dos conceitos filosóficos de forma e conteúdo, de modo que a sociabilidade é uma forma de associação (ou sociação, como denomina o autor) entre pessoas que se autonomizou de qualquer conteúdo, isto é, deixou de ter um fim exterior a ela e passou a ser valorizada em si mesma, como uma forma lúdica de sociação (DIAS, 2012, p. 3).

Para Georg Simmel (2006, p. 65), a sociabilidade, que “se poupa dos atritos”, oferece uma questão com uma possível solução para um grande problema da sociedade: “qual o peso e o significado do indivíduo como tal na circunstância social e diante desta?” Segundo o autor, as qualidades pessoais não devem ser enfatizadas. A sociabilidade flui quando as características interessantes de uma personalidade individual perdem relevância. Do lado oposto, os problemas e mau-humores pessoais também não podem ser levados para a sociabilidade.

A sociabilidade, de acordo com Simmel, é também um mundo artificial onde o “faz de conta” é necessário para que a interação seja equilibrada e sem tensões. Ele cita várias formas de sociação que fazem parte do “jogo da sociedade” como a coqueteria e a conversa. Simmel também realiza reflexões sobre os protocolos e a superficialidade das relações sociais, mostrando que podem ser negativa, porém livram o indivíduo das pressões sociais e dissolvem a seriedade da vida.

Simmel faz uso dos conceitos de forma e conteúdo como instrumentos importantes de sua obra para explicar como os atores sociais se relacionam. Os conteúdos se apresentam nos indivíduos através de instintos, motivações, desejos e interesses que têm o papel de mediar os efeitos das interações sociais. Segundo Smith (2004, p. 57), “os conteúdos da sociação são realizados através das formas” ou as formas seriam a objetivação ou a realização dos conteúdos através de modos de interação.

De acordo com Simmel, as interações sociais e as relações de interdependência não representam, necessariamente, a convergência de interesses entre os atores sociais envolvidos. Nas interações podem ocorrer relações de conflito, relações de interesse mútuo e relações de subordinação ou dominação. O sociólogo acreditava que o conflito pode ser essencial para incentivar a busca do indivíduo pelo desenvolvimento e tomada de consciência individual. Isso seria positivo para as relações sociais.

No trabalho entre jornalistas, os conteúdos se apresentam no próprio “instinto”, na busca por informação, na apuração da notícia, na satisfação pessoal de cumprir a pauta, nos impulsos e ações nas relações com os colegas. Entre as formas, exemplificadas por Smith (2004, p. 51), podemos relacionar nas interações sociais entre os jornalistas “a competição, a superioridade e a subordinação, a divisão do trabalho, o conflito e a representação” que podem ser encontradas em qualquer grupo assim como entre profissionais em uma redação das empresas jornalísticas. Nesse caso, os estudos de Simmel podem ajudar a compreender essas interações e como a socialização pode se desenvolver no mercado de trabalho jornalístico.

Para discutir a socialização entre jornalistas através do trabalho de Erving Goffman, vamos partir das noções de equipe e região de fachada e de fundos presentes na metáfora teatral do sociólogo, usada para interpretar as interações sociais entre indivíduos no cotidiano. Essa ideia nos ajuda a compreender as diversas formas de interação social de pequenos grupos em determinados momentos e num determinado espaço. O autor destaca que o seu trabalho serve como um manual para estudar a vida social (GOFFMAN, 2014).

Segundo o autor, na interação, o indivíduo deverá expressar a si mesmo e impressionar os observadores. O indivíduo busca sempre transmitir a impressão que acredita ser correta para obter as respostas que lhe interessam. Pode agir com ou sem consciência do fato. Em uma interação social, ele pode atuar em vários papéis diferentes de acordo com o cenário e a plateia.

Goffman (2014, p. 118) define equipe “como um conjunto de indivíduos cuja íntima cooperação é necessária para ser mantida uma determinada definição projetada da situação”. O caráter e o alcance da cooperação entre os indivíduos, através da troca de experiências e saberes, tornam possível o sucesso de uma representação para o público ou uma outra equipe. “Uma equipe, portanto, tem algo do caráter de uma sociedade secreta” (GOFFMAN, 2014, p. 119).

Uma equipe de jornalistas pode ser como uma sociedade secreta. É o que Traquina também acredita, aplicando outras palavras. Uma das teorias estudadas por Traquina, a interacionista, pode ajudar a entender como funcionam essas relações e como as ideias de Goffman podem ajudar nos estudos de socialização entre jornalistas. Segundo a teoria interacionista, “as notícias são o resultado do processo de interação social não só entre jornalistas e as fontes, mas também entre os próprios jornalistas, vistos como membros de uma comunidade profissional” (TRAQUINA, 2012, p. 203).

Traquina destaca que essa interação é uma troca de experiências, saberes e truques e nunca pode ser subestimada porque é essencial para estabelecer a unidade da equipe. “Nesta interação, é criada toda uma linguagem secreta entre os membros da tribo, que se exprime na “gíria” dos membros da tribo” (TRAQUINA, 2012, p. 204). Os jornalistas consultam os colegas e observam o trabalho de outras empresas jornalísticas. Mesmo na concorrência, essa interação proporciona as trocas e os favores entre os membros da tribo. Os saberes e os truques da comunidade profissional são atributos dos jornalistas que sabem todas as “manhas” para socializar com colegas, chefes, fontes até na hora de selecionar o que será ou não notícia. “Uma vez que todos nós participamos de equipes, devemos carregar no nosso íntimo algo da doce culpa dos conspiradores” (GOFFMAN, 2014, p. 119).

Para que a representação de uma equipe de jornalistas seja eficaz, é essencial que guarde alguns “segredos”. Existem informações que o jornalista divide com o público, colegas e fontes, mas outras são guardadas a sete chaves. Tudo para a preservação pessoal ou da equipe. O lugar onde a representação acontece e que pode ser apresentada para a plateia é chamada por Goffman de “região de fachada”. Um exemplo é um estúdio de emissora de televisão ou rádio. A bancada do apresentador de um telejornal pode ser uma “região de fachada”. Por outro lado, o autor também apresenta o conceito de “região de fundo” ou os “bastidores” onde “os fatos suprimidos aparecem” (GOFFMAN, 2014, p. 126). Na “região de fundo”, o ator pode abandonar sua fachada. A equipe pode rever sua representação. Se existe algum problema, é nos bastidores que toda a equipe trabalha para lavar a roupa suja e colocar tudo em ordem. A linha que divide as regiões de fachada e de fundos é exemplificada em toda parte em nossa sociedade. No caso dos estúdios de TV, é nos bastidores da redação que toda a equipe faz a reunião de pauta, os editores tratam o material bruto que vai para o telejornal, os repórteres escrevem seus textos e os âncoras verificam os textos.

Goffman cita o trabalho das emissoras de rádio e televisão como exemplos interessantes das dificuldades de bastidores.

Nessas situações, a região de fundo costuma ser definida como formada por todos os lugares que a câmera não focaliza no momento, ou por todos os lugares fora de alcance dos microfones “ligados”. [...]. Os profissionais certamente contam muitas histórias de pessoas que julgavam não estar sendo focalizadas quando estavam de fato no ar e como esta conduta de bastidores desacreditou a caracterização da situação que se procura manter na imagem (GOFFMAN, 2014, p. 133).

As regiões de fundo e de fachada podem ser encontradas em todas as empresas jornalísticas, nas relações de trabalho entre os profissionais e entre eles e suas fontes. Sempre existe algum detalhe que pode ser divulgado ou suprimido. Sempre existe a necessidade de controlar os bastidores e em lidar com as chamadas por Goffman de “dificuldades dramáticas” que surgem quando o controle não pode ser exercido.

As redações das empresas jornalísticas são locais de interações sociais e o produto é o jornal diário. O processo produtivo neste cenário sente o impacto das tecnologias digitais de informação e comunicação (TICs) e dos debates sobre a regulamentação da profissão. Nessa conjuntura, qual seria a importância de pesquisas sobre a interação social entre profissionais da área? O artigo de Braga, Aguiar e Bergamaschi desperta essas reflexões. Os autores apresentam três pontos de discussão sobre a configuração atual da prática profissional do jornalismo no Brasil. São eles:

a) o debate sobre a regulamentação da formação e exercício do Jornalismo; b) o contexto das relações laborais no mercado de trabalho jornalístico; c) a crise da narrativa e do papel social do/a jornalista, considerando os aspectos culturais, econômicos, políticos e tecnológicos (BRAGA; AGUIAR; BERGAMASCHI, 2014, p. 113).

Entre esses pontos, o segundo, as relações laborais no mercado de trabalho, é uma fonte de pesquisas ideal para entender as interações sociais no mercado de trabalho jornalístico. A sociedade contemporânea na lógica da globalização impõe e também sofre as consequências diante das pressões para o aumento da produtividade, competitividade e rentabilidade. No caso do jornalismo, todas essas mudanças junto com as TICs contribuem com a crise das narrativas e do papel social dos jornalistas. Diante de tudo isso, o que acontece com o processo de socialização?

Kunczik apresenta o conceito de socialização aplicado ao jornalismo e os enfoques teóricos para explicar a socialização no ambiente de trabalho de duas perspectivas: a do indivíduo e da organização. “Para a organização, a socialização no trabalho é o mecanismo através do qual os novos membros aprendem as habilidades necessárias ao exercício da profissão. Do ponto de vista do indivíduo, é preciso aprender a participar na vida da organização” (KUNCZIK, 2002, p. 156). O autor ressalta que existem os seguintes enfoques teóricos para estes estudos: a teoria da relação ou dos papéis, a teoria da identificação, a teoria da generalização, a teoria da interação simbólica e a teoria do intercâmbio.

De acordo com a proposta deste trabalho, que é incentivar a reflexão sobre a socialização dos jornalistas a partir da correlação entre os textos de Mead, Simmel,

Goffman, serão abordadas duas teorias apresentadas por Kunczik: a Teoria dos Papéis e a Teoria da Interação Simbólica.

A Teoria dos Papéis lembra a metáfora teatral do Erving Goffman e destaca que os comportamentos são definidos por “papéis” e não pelos atores. O comportamento social depende desses papéis e o entendimento desses “scripts” pelos atores sociais é essencial. Essa teoria

[...] procura explicar o fato de que os seres humanos se comportam de maneiras diferentes e previsíveis, dependendo de suas identidades sociais e respectivas situações. A teoria dos papéis se refere a um dos fatos mais importantes da vida social: o papel é o ponto de intersecção entre o indivíduo e a sociedade (KUNCZIK, 2002, p. 156).

Nas interações sociais, existem as expectativas que os profissionais têm em relação ao colega. Nos papéis, existem regulamentações de comportamento que se relacionam com a posição que o profissional ocupa. Os jornalistas esperam que os colegas ou superiores apresentem comportamentos que seriam compatíveis com a profissão e isso envolve desde as reações emocionais e até a forma de vestir. A socialização ajuda na preservação das normas e valores profissionais dos membros de uma organização jornalística.

Os indivíduos representam vários papéis nas interações, dependendo da definição de situação. No caso dos jornalistas, assim como com qualquer profissional, pode existir o chamado por Kunczik (2002, p. 159) de “conflito intrapapel”. No jornalismo, esses conflitos podem aparecer nas diferenças entre os valores pessoais do profissional e nos valores explícitos na política editorial da empresa ou na elaboração de reportagens que podem prejudicar um amigo ou até quando o jornalista tem dificuldades para conciliar o papel profissional com o familiar. O que deve se levar em conta nos enfoques teóricos sobre a socialização é que o processo é complicado e imprevisível.

Para discorrer sobre a teoria da interação simbólica, Kunczik aborda a relação entre os jornalistas experientes e os iniciantes na profissão ou os neófitos. Nessa forma de interação, o neófito pode ser mais passivo e não participa tão ativamente do processo de socialização. Por outro lado, muita coisa depende da personalidade do neófito para estabelecer estratégias de aprendizado para se estabelecer na profissão a partir dos exemplos e orientação de profissionais veteranos. “Os proponentes da interação simbólica partem da suposição de que o neófito cria constantemente novos significados, desenvolve seu entendimento com base nessas situações e faz suas próprias definições” (KUNCZIK, 2002, p. 164).

A teoria da interação simbólica busca descrever como ocorre o processo de interpretação de símbolos entre parceiros de interação e como todos reagem, interpretam e definem as situações. Como na interação simbólica uma categoria central é a adoção de papéis, Kunczik (2002, p.165) cita o “desenvolvimento do conceito de adoção do papel do outro por George Herbert Mead, um dos autores citados nesse trabalho”. Por sua vez, Souza destaca que

a ideia meadiana de que o sujeito, para perceber um grupo social, de certo modo precisa reproduzir valores e símbolos compartilhados pela coletividade na qual se insere, adaptando-se a ela, mas afirmando-se como indivíduo autônomo lutando contra a coletivização massificada (SOUZA, 2011, p. 376).

Na percepção de Kunczik, a interação simbólica é adequada para “estudar como o trabalho jornalístico molda a personalidade”. O jornalista sempre aprende técnicas para realizar seu trabalho e ser um profissional reconhecido entre os colegas. As situações cotidianas podem incentivar a capacidade de nos colocar no lugar do outro, assimilando papéis sociais.

2. Estudo de caso: princípios editoriais do Grupo Globo

O documento lançado em agosto de 2011 – *Os Princípios Editoriais das Organizações Globo* (hoje Grupo Globo) – foi elaborado com a proposta, segundo os gestores, de “explicitar o que é imprescindível ao exercício, com integridade, da prática jornalística, para que, a partir dessa base, os veículos do Grupo Globo possam atualizar ou construir seus manuais, consideradas as especificidades de cada um” (GRUPO GLOBO, 2011, p.1 e 2). Diante da “Era Digital” onde as pessoas têm acesso a uma ampla audiência para a divulgação de todo o tipo de material, a elaboração do documento nasceu da necessidade de definir “o que ou não jornalismo, quem é ou não jornalista, como se deve ou não proceder quando se tem em mente produzir informação qualidade”.

O texto do Grupo Globo começa com a “Breve definição de jornalismo”, trazendo uma reflexão sobre a atividade jornalística como produtora do conhecimento e da informação, e é dividido em três seções: a) Os atributos da informação de qualidade; b) Como o jornalista deve proceder diante das fontes, do público, dos colegas e do veículo para o qual trabalha; c) Os valores cuja defesa é um imperativo do jornalismo.

Podemos afirmar que, desse modo, o documento sobre os princípios da empresa jornalística mostram o que, segundo Traquina (2012) e Kunczik (2002), estaria

implícito na prática do exercício da profissão. Quando iniciam a atividade jornalística, os profissionais adotam valores, normas, costumes e atitudes em um processo de socialização vitalício que o tempo só consolida. Breed reforça essa ideia quando escreve sobre como o jornalista apreende a orientação política da organização. Os repórteres são muito ocupados para participar de “treino de recrutas”. Basicamente, o profissional apreende a política editorial através de um processo de socialização que propicia o aprendizado de seus direitos e obrigações. Segundo o autor, “todos, com exceção dos novos, sabem qual é a política editorial. Quando interrogados, respondem que a aprendem por osmose” (BREED, 1999, p. 155). O documento do Grupo Globo busca reafirmar por escrito o que muitos jornalistas assimilam de forma intuitiva no cotidiano.

Traquina, a partir dos estudos de vários pesquisadores nas teorias do jornalismo, demonstra que foi no decorrer do processo de profissionalização que valores como objetividade, discurso verdadeiro e independência ganharam relevância entre os jornalistas, influenciando a formação de uma ideologia jornalística que contribuiu para a formação do chamado *ethos* da profissão ou, no âmbito da sociologia, os costumes e traços comportamentais dos jornalistas. Esse *ethos* define para os integrantes da comunidade jornalística que “o seu papel social é de informar os cidadãos e proteger a sociedade dos eventuais abusos do poder, ou seja, toda a concepção do jornalismo enquanto contrapoder” (TRAQUINA, 2012, p. 204). Além disso, esse *ethos* também contribui para a formação da imagem do jornalista que marca os próprios profissionais e também está presente no imaginário social. Ou seja: a representação dos jornalistas como “lobo solitário”, conforme apresentado por Kunczik.

O texto do Grupo Globo (2011, p. 3) apresenta essas questões no item “Breve definição de jornalismo” quando discorre sobre o jornalismo e a busca da verdade. O documento mostra a proposta de reforçar os valores dentro da evolução histórica da profissionalização do jornalismo, discutida por Traquina (2012) como no trecho: “a verdade pode ser inesgotável, inalcançável em sua plenitude, mas existe”. Ou sobre a objetividade: “se a objetividade total não é possível, há técnicas que permitem ao homem, na busca pelo conhecimento, minimizar a graus aceitáveis o subjetivismo”.

A partir do conteúdo dos princípios editoriais da empresa jornalística, é interessante destacar as pesquisas de Soloski (1999) e Breed (1999) que avançaram na teoria organizacional, analisando a influência dos constrangimentos organizacionais no trabalho do jornalista. Eles apontam pontos positivos e negativos no debate sobre os valores que reforçam o profissionalismo jornalístico, que seria uma maneira de controlar

o comportamento dos profissionais. Por exemplo, sobre a objetividade, Tuchman (1972 apud SOLOSKI, 1999, p. 96) avalia que é uma forma prática dos jornalistas e das organizações se protegerem de acusações de parcialidade nas reportagens. Afinal, a objetividade traz maior credibilidade para a organização que mantém um lugar de destaque no mercado. Mesmo assim, diante do controle, os jornalistas não costumam discordar das políticas editoriais das empresas porque prezam o profissionalismo entre os colegas. Sobre isso, Soloski avalia que

tanto o profissionalismo jornalístico como a política editorial são utilizados para minimizar o conflito dentro da organização jornalística. Isto é, as normas profissionais e as políticas editoriais das organizações jornalísticas são aceitas pelos jornalistas e, só em casos raros é que ou as normas profissionais ou as políticas editoriais são um ponto de desacordo entre o staff da organização jornalística. Como um jogo, as normas profissionais e as políticas editoriais são as regras que todos aprendem; só raramente estas regras são explícitas, e só raramente se levantam objeções a essas regras (SOLOSKI, 1999, p. 99).

No documento do Grupo Globo, essas regras são explícitas e tanto os novatos como os jornalistas experientes têm acesso a elas. Para avaliar se os profissionais têm objeções a estas normas, seria necessário realizar outra pesquisa, porém, a partir da leitura das políticas editoriais da empresa pode-se confirmar o objetivo de minimizar conflitos não apenas na organização como com o público. Só que, mesmo com a adoção das políticas editoriais, as empresas têm dificuldades no controle dos jornalistas através das políticas editoriais, pois as regras teriam de abranger todas as situações possíveis de acontecer no cotidiano do jornalista e isso é praticamente impossível diante da diversidade de fatos que fazem parte do trabalho. Como sabem os jornalistas, fazer notícia é lidar com acontecimentos inusitados ou inesperados (SOLOSKI, 1999).

Na seção II do documento sobre as políticas editoriais (GRUPO GLOBO, 2011, p. 18) – “Como o jornalista deve proceder diante das fontes, do público, dos colegas e do veículo para o qual trabalha” –, a empresa enumera várias normas de conduta. No caso do processo de socialização entre jornalistas e da relação dos profissionais com o veículo, enfatiza: o processo de colaboração para a realização do trabalho; a importância de opinar e criticar o trabalho do colega, se necessário; o incentivo à independência das redações dos veículos do grupo com a proposta de estimular a competição pelo furo, “o pluralismo das abordagens” e evitar a “pasteurização” do noticiário; o “dever de lealdade com os veículos para os quais trabalham”; e ainda a proteção aos jornalistas para garantir o sigilo sobre as fontes. A conduta que deve ser adotada entre os colegas e a lealdade para com a organização faz

parte dos valores incentivados pelo profissionalismo e que buscam reduzir a possibilidade de conflitos.

O texto do Grupo Globo é estruturado sempre destacando a importância do profissionalismo, da objetividade e da verdade na busca pelo conhecimento. Nesse contexto, encontramos em Breed os modos como os jornalistas podem lidar com a orientação política da organização. O autor apresenta as razões de conformismo e, por outro lado, como os jornalistas podem driblar essas formas de controle. Segundo ele,

As normas da política editorial nem sempre são completamente claras, uma vez que muitas são vagas e não estruturadas. A política editorial é dissimulada por natureza e tem um largo raio de ação. [...] A política, se for explicitamente planejada, terá de incluir motivações, razões, alternativas, desenvolvimentos históricos, e outro material complicado. Assim, surge uma zona de crepúsculo que permite um raio de desvio (BREED, 1999, p. 162).

Os jornalistas costumam concordar com as políticas da empresa, mas os desvios realmente acontecem. Isto é possível porque o jornalista lida o tempo todo com acontecimentos diversos e nem sempre os editores podem fiscalizar o trabalho dos repórteres todo o tempo. A política editorial fornece normas de conduta, mas elas podem deixar de levar em conta inúmeros detalhes que envolvem as relações entre jornalistas. Em suma, a atividade profissional dos jornalistas se constitui como uma organização própria e particular entre pessoas que lidam com rotinas muitas vezes aborrecidas, mas também inusitadas.

Considerações finais

As mudanças estruturais na sociedade despertam questionamentos sobre o papel social do jornalista nas empresas e diante do público. Esses questionamentos trazem a necessidade de pesquisas para descobrir e entender como ocorrem os processos de socialização entre esses profissionais. O mercado de trabalho sente os efeitos das grandes transformações trazidas pela tecnologia, que também contribuiu para a consolidação do jornalismo como profissão e também como ciência. Por isso, as contribuições de autores como George H. Mead, Erving Goffman e Georg Simmel são importantes nas pesquisas sobre o jornalismo.

A análise de documentos como as políticas editoriais do Grupo Globo ajuda a perceber questões importantes nas relações de trabalho entre os jornalistas e a organização. Nesse caso, o mundo acadêmico através dos estudos de interação social

pode contribuir para responder a pergunta que permanece como uma questão ética nos processos de socialização dos jornalistas: para que serve o jornalismo?

Referências

- BARSOTTI, Adriana. **Transformações contemporâneas nas práticas jornalísticas: o jornalista on-line como mobilizador de audiência**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2012.
- BRAGA, Adriana; AGUIAR, Leonel; BERGAMASCHI, Mara. O chão de fábrica da notícia: contribuições para uma economia política da práxis jornalística. **Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.**, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 111-132, jan./jun. 2014 .
- BREED, Warren. Controle social na redação: uma análise funcional. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999. p. 152-166.
- DIAS, Fadil Lira. **Sociabilidade na Metrópole: as reflexões de Georg Simmel**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.
- GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo**. São Paulo: EDUSP, 2002.
- MEAD, George H. **Mind, Self and Society**. Chicago: Chicago Press, 1967.
- PRINCÍPIOS EDITORIAIS DO GRUPO GLOBO**. 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/principios-editoriais-do-grupo-globo.pdf>>. Acesso em: 3 jun. 2016.
- RODRIGUES, Cláudia; AGUIAR, Leonel Azevedo de. Ser jornalista na Era das Tecnologias Digitais: uma contribuição teórica aos estudos da profissão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39. 2016. São Paulo. **Anais...** São Paulo: INTERCOM, 2016.
- SIMMEL, Georg. A Sociabilidade. In: _____. **Questões Fundamentais da Sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, p. 59-82.
- SMITH, Greg. Instantâneos ‘sub specie aeternitatis’: Simmel, Goffman e a sociologia formal. In: GASTALDO, Édson (org.) **Erving Goffman: o desbravador do cotidiano**. Porto Alegre: Torno Editorial, 2004.
- SOLOSKI, John. O Jornalismo e o Profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999. p. 91-100.
- SOUZA, Renato Ferreira de. George Herbert Mead: contribuições para a história da psicologia social. **Psicologia e Sociedade. Soc.**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 369-378, 2011.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2012.
- YOU TUBE**. Observatório da Imprensa. Organizações Globo. Parte I. 16 ago. 2011. Disponível em: < <https://youtu.be/Bt4x1ISWg3U> > . Acesso em 21 jun.2016
- YOU TUBE**. Observatório da Imprensa. Organizações Globo. Parte II. 16 ago. 2011. Disponível em: < https://youtu.be/Zo13gM2Wl_M > . Acesso em 21 jun.2016
- YOU TUBE**. Observatório da Imprensa. Organizações Globo. Parte III. 16 ago. 2011. Disponível em: < <https://youtu.be/s5bFVmuzh44> > . Acesso em 21 jun.2016

Contributions of the Authors of the Chicago School for Study of Socialization Processes of Journalists

Abstract: The purpose of this article is to present possible theoretical contributions of authors of the Chicago School for studies on organizational theories in the field of journalism, especially the research of socialization processes of journalists in organizations. For bibliographic cut, we used referential frameworks by Michael Kunczik about issues related to journalistic work and make correlations between works of three authors who analyze social interactions: George Mead, Erving Goffman and Georg Simmel. From the theoretical basis of these authors, this paper conducted a case study of the document of editorial Globe Group principles.

Keywords: Journalism; Journalism Theories; Socialization; Organizational Constraints; Editorial Principles.

Recebido em: 18/09/2016

Aceite em: 04/08/2016